

# MEMÓRIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO CONTINUADA

## MEMORIES OF PEDAGOGICAL PRACTICE AND THEIR RELATIONSHIP TO THE CONTINUED EDUCATION

Fernanda Noronha Pandolfi  
Francisco Emílio de Medeiros  
Paula Moino Guerra  
Suellen Rebello da Silva

### RESUMO

Este capítulo traz depoimentos sobre práticas pedagógicas, resultantes da influência exercida pela formação continuada. Esses relatos mostram como os estudos, além da troca de experiências, têm acrescentado no desenvolvimento profissional dos participantes do Grupo Independente de Estudos de Educação Física na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Física; Educação Infantil; Memórias; Formação Continuada; Prática Pedagógica.

### ABSTRACT

This chapter provides evidences on pedagogical teaching practices, resulting from the influence of continued formation. These reports show how the studies, besides the exchange of experiences, have added in the professional development of the participants in the Independent Study Group of Physical Education in Children's Education.

**Key-words:** Physical Education; Children Education; Memories; Continued Formation; Pedagogical Practice.

O Grupo Independente de Estudos de Educação Física na Educação Infantil (GIEFEI) surgiu da necessidade de dar continuidade às discussões que até então eram disponibilizadas apenas pelos cursos de formação continuada organizados pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

O Grupo de Estudos surgiu em 2004 com o objetivo de proporcionar um espaço e tempo de conhecimento, troca e debate sobre a realidade das práticas pedagógicas de Educação Física, em Núcleos de Educação Infantil (NEI) e Creches da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Nesse tempo de existência, o Grupo vem consolidando um espaço qualitativo de troca de experiências e de debates férteis em relação aos problemas da Educação Física no contexto da Educação Infantil, apesar de haver uma considerável rotatividade dos participantes nesse tempo e de um envolvimento ainda pequeno dos professores, se considerarmos o grande número de professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Uma curiosidade e interesse que move o Grupo no presente diz respeito à necessidade de se verificar o que esse tempo de estudos e troca de experiências tem

acrescentado na prática pedagógica dos participantes do Grupo de Estudos. Saber, por exemplo, se os integrantes perseguem e orientam uma prática pedagógica de Educação Física na Educação Infantil coerente com as discussões e proposições tratadas nos estudos do Grupo e nos remotos e escassos cursos de formação continuada. Deste modo, nesse capítulo pretendemos, via a realização de um campo empírico exploratório, perceber quais as memórias da prática pedagógica dos professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e a sua relação com a formação continuada.

Como método de abordagem desse campo empírico exploratório, foram utilizadas entrevistas “exploratórias”, de caráter “online”, numa mescla de entrevista e questionário, a partir de questões abertas, tais como:

- 1) quais argumentos você utiliza para justificar a relevância e legitimidade da Educação Física na Educação Infantil?
- 2) quais foram as principais contribuições concretas que o GIEFEI trouxe para sua prática pedagógica?
- 3) como consegue articular sua prática pedagógica com os professores de sala de aula?

4) comente alguns projetos ou experiências significativas que já realizou ou está realizando, coletivamente, com professores de sala de aula.

5) como você planeja seus momentos de educação física referentes ao tempo, espaço e materiais?

Essas questões trazem inúmeros problemas práticos que ainda necessitam ser problematizados, no sentido de buscar respostas de curto, médio e longo prazo. Esses problemas são tratados nos capítulos anteriores e posteriores a esse, com mais profundidade. São questões, cujas respostas estão, de algum modo, nas falas e representações desses docentes, muitas vezes, em forma de senso-comum, e também com respostas baseadas em estudos de formação continuada já realizados.

Desse campo empírico exploratório<sup>1</sup> emergiram as seguintes constatações e percepções:

- Notamos que a primeira questão apresentou diferentes padrões de respostas em virtude de uma falta de clareza na pergunta, que terminou por gerar uma certa insuficiência nas respostas em relação

aos argumentos que os professores utilizam para justificar a Educação Física na Educação Infantil. Mesmo assim, notamos que os entrevistados consideraram o lúdico um elemento essencial no trabalho com crianças de 0 a 6 anos. Também enfatizaram nessa questão que seja qual for a metodologia, o conteúdo ou a teoria adotada pelo professor, ele poderá, através de sua prática, oportunizar à criança que imagine, crie e recrie o mundo ao seu redor.

- Constatamos nas respostas da segunda questão uma considerável evidência da contribuição que o GIEFEI trouxe à prática dos professores, na medida em que os professores questionados salientaram os elementos teóricos, ao destacarem que o GIEFEI tem possibilitado uma busca constante por conhecimento, além de vir propiciando a reflexão da prática pedagógica corrente de Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, muito pautada pelo modelo escolar, bem como de vir estimulando leituras, estudos e discussões que podem proporcionar uma observação mais atenta às questões advin-

---

<sup>1</sup> Esse campo empírico exploratório deu-se mais em função do GIEFEI ter que apresentar até julho de 2008 um artigo sobre a "Experiência da Educação Física na Educação Infantil na Rede de Ensino Municipal de Florianópolis" para compor um livro de âmbito nacional que, infelizmente, não foi concretizado. Portanto, em virtude do pouco tempo, optou-se por realizar uma breve enquête com um pequeno grupo de professores via on-line.

das da prática pedagógica. Como consequência, algumas tentativas de mudanças foram efetuadas para a prática pedagógica de Educação Física na Educação Infantil, e uma que logrou um certo êxito em algumas Unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e merece um espaço de referência foi a “hora da Educação Física”, que passou a ser chamada de vivências, momentos ou encontros, rompendo com o tempo de 45 minutos de aula e passando a variar entre um tempo de 60 minutos e até meio período do dia. Para os entrevistados, nesta ampliação do tempo aproxima-se mais de um respeito ao tempo das crianças, à medida que os professores passaram a compreender que o tempo para criança é diferente do tempo do adulto.

- Os entrevistados, em resposta ao que faziam em relação à articulação de seu trabalho com as demais professoras de sala, afirmaram que buscam esta integração. A maioria dos entrevistados sequer lembrou do tempo que o professor de Educação Física trabalhava sozinho e sem conexão com o projeto da sala ou da Unidade Educativa. Este fato já revela uma influência das discussões ocorridas no GIEFEI em relação à compreensão da necessidade do trabalho do professor de Educação Física ser em conjunto com os demais profissionais na

Educação Infantil. Entretanto, alguns dos entrevistados relataram que ainda há na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis muitas dificuldades para se conceber e realizar um planejamento mais coletivo, pois não há tempo destinado para isto, ou mesmo desinteresse das professoras de sala. Uma entrevistada falou que consegue participar do planejamento da professora de sala, mas não consegue a mesma reciprocidade desta professora para planejar os momentos de Educação Física. Nas respostas, ainda é notório o relato de muitos exemplos de projetos que demonstram uma certa articulação do trabalho do professor de Educação Física com a professora de sala, tais como: a brincadeira do boi de mamão que traz fortemente a ligação com a cultura popular de Florianópolis; projetos de capoeira; brincar de bicicleta; jogos populares como bolinha de gude, pião e roda de ciranda; o projeto vamos pular corda; diversas atividades com o uso de sucata; o projeto de construção de caixa de areia; o projeto com o meio ambiente e saúde; a hora do conto; e passeios e organização do espaço para atividades coletivas. Nestas falas, apareceu o jogo e a brincadeira como o alicerce da formação da cultura infantil (Sayão, 1999).

- Nas respostas à questão cinco, que abordou o planejamento

quanto ao tempo, espaço e materiais, os entrevistados disseram que o planejamento é visto como uma questão importante e que deve ser constantemente questionado. Também relataram que, em geral, os Projetos Políticos Pedagógicos das Unidades Educativas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis não descrevem o planejamento da Educação Física e tampouco dos elementos tempo, espaço e materiais. Nem sempre ocorre uma descrição de como a Educação Física deve ser incluída nas rotinas das crianças. Alegaram que a ausência de uma descrição desses elementos nos Projetos Políticos Pedagógicos tem acarretado em diferentes compreensões e práticas da Educação Física no contexto da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Percebemos aqui uma certa importância que os entrevistados dão ao planejamento do tempo em relação a uma compreensão de criança como uma totalidade. Em relação ao espaço, os entrevistados disseram que buscam ampliar o uso de outros espaços para além dos limites próprios do espaço da Unidade Educativa, como: saídas da Unidade para espaços mais amplos, dentro da própria comunidade, como quadra de esporte, campo de futebol, campos de condomínios, parque para os maiores e espaços com árvores para os menores. Em

relação aos materiais enunciaram uma variedade, tais como: uso de colchões, cordas (grandes e pequenas), bolas (de tamanhos e formas diferentes), petecas, raquetes, pião, bolinha de gude, caixas de legumes, canos longos de papelão, personagens de boi de mamão, tapetes, mantas, pipas, bolinhas de sabão, blocos feitos com caixas de leite, mesas, trampolim, histórias, músicas, elásticos, banco, objetos produzidos pelas crianças, instrumentos musicais, bacias, baldes, areia, sucatas diversas. Os materiais podem se transformar de acordo com as vivências e imaginação das crianças e muitas vezes podem ser confeccionadas por elas.

Numa etapa posterior, agora com mais tempo, pudemos realizar um outro campo empírico com o intuito de aprofundar as questões anteriores. Nessa nova investida empírica resolvemos realizar um novo trabalho de campo com entrevistas semi-estruturadas, junto a um grupo modificado de quatro professores de Educação Física que atuam na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, visando captar mais a fundo as memórias da prática pedagógica em articulação com a formação continuada. Para tanto, cabe aqui apresentar o que se entende por memórias, bem como caracterizar melhor a metodologia

de entrevista semi-estruturada adotada para essa nova etapa.

Le Goff (1990) define memória como uma propriedade humana de guardar informações, “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1990, p.423).

Para Bosi (1994, p. 47), “[...] a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida.”

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p. 55).

Nessa perspectiva, Fernandes (2002) coloca a possibilidade de evocar imagens do passado e de se relacionar com o aqui e agora, trazendo para um processo de “ressignificação das vivências”. A possibilidade de falar e ser ouvido auxilia num processo “detonador de lembranças”, ou seja, o entrevistado não traz somente a memória para

ter a relembração de um tempo que se viveu, mas sim aprofundar sua “consciência histórica”, assim modificando o presente. Com a permissão de agir da mesma maneira ou diferente do que já foi vivido. Porém, com a diferença que esta “ação ou sentimentos vêm imbricada de significados”.

A importância das memórias da prática pedagógica de Educação Física na Educação Infantil está relacionada à possibilidade de se pensar no passado dessa prática a partir do presente, quer dizer, “[...] a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado”. (KESSEL, p. 2).

Nesse segundo campo empírico, em relação à metodologia da pesquisa, optou-se pela entrevista semi-estruturada. Estas entrevistas foram realizadas com quatro professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, sendo que dois já haviam participado do primeiro campo empírico e são membros integrantes do GIEFEI, enquanto que os outros dois novos entrevistados já não fazem mais parte do GIEFEI, mas são professores com uma larga trajetória na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

A entrevista semi-estruturada é utilizada quando se deseja delimitar os relatos do depoente, não sendo tão fechada e nem tão aberta a livre

expressão do entrevistado, mas focada para um maior aprofundamento do tema sob investigação (BONI, 2005). Outra característica desse tipo de pesquisa é que ela permite uma maior interação entre o entrevistado e entrevistador, favorecendo respostas mais espontâneas, portanto, mais próximas de uma autenticidade.

Haguette (2003, p. 86) define entrevista “[...] como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” Segundo a autora, a obtenção dessas informações dá-se com o uso de um roteiro de entrevista com questões claras, simples, diretas e pertinentes à temática da pesquisa, o que contribui para o entrevistador não se perder em temas que não interessam ao seu objetivo.

Para Bogdan e Biklen (1994, p.134), a entrevista também possibilita ao pesquisador perceber como o entrevistado interpreta o que narra.

Não existem regras que se possam aplicar constantemente a todas as situações de entrevista, embora possam ser feitas algumas afirmações gerais. O que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. Ouça o que as pessoas dizem. Encare cada pa-

lavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo. Se a princípio não conseguir compreender o que o sujeito está a dizer, peça-lhe uma clarificação. Faça perguntas, se não conseguir compreender, encare o defeito como seu. Assuma que o problema não reside na falta de sentido do que o sujeito está a dizer, mas que reside em si. O processo de entrevista requer flexibilidade. Experimente diferentes técnicas, incluindo piadas e desafios ligeiros. Pode ter de pedir aos entrevistados para elaborarem histórias e, por vezes, partilhar com eles as suas experiências. (BODGAN e BIKLEN, p. 137).

Os autores ainda chamam a atenção para a possibilidade de vir a existir conflitos de valores, entre entrevistador e entrevistado, em relação aos pontos de vista do segundo. Nesse caso, sugerem que o primeiro oriente seu foco para encorajar os entrevistados a falarem aquilo que sentem verdadeiramente sobre as questões colocadas. Enfatizam que a boa entrevista exige paciência. “Os entrevistadores têm de ser detectives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspectiva pes-

soal do sujeito. (Bodgan e Biklen, 1994, p. 139)”.  
Goldenberg (2004) desta-

ca que o êxito nas entrevistas está relacionado a algumas qualidades necessárias ao pesquisador: estar tomado de interesse e respeito pelos entrevistados; ter flexibilidade e criatividade para adentrar em aspectos não pensados sobre a temática da pesquisa; demonstrar compreensão e simpatia pelos entrevistados; ter sensibilidade para saber o momento de encerrar a entrevista; e, especialmente, demonstrar disposição para ouvir atentamente o entrevistado.

Desse modo, tendo esses pressupostos como orientação, intencionamos encontrar nos relatos das memórias da prática pedagógica desses entrevistados, elementos que caracterizam os princípios dessa prática e sua articulação com o processo de formação continuada.

Para tanto, nesse novo campo empírico, reformulamos as questões usadas no campo exploratório, passando a ter a seguinte redação:

Questão 1 - O que inspira a sua prática pedagógica na

Educação Física (EF) na Educação Infantil (EI)?

Questão 2 - A que tipo de elementos você recorre para viabilizar a sua prática pedagógica?

Questão 3 - Você pode narrar alguma lembrança da sua prática pedagógica que deixou marcas de satisfação?

Questão 4 - Você pode descrever algumas características da relação da sua prática pedagógica de Educação Física com a prática dos demais professores da instituição?

Questão 5 - Você pode nos descrever a relação da sua prática pedagógica da Educação Física na Educação Infantil com os processos da formação continuada, tanto os que a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis já ofereceu quanto os outros que você tenha participado?

No quadro a seguir, são apresentadas unidades de textos das respostas dos entrevistados na forma de pequenas sínteses representativas do depoimento de cada entrevistado em relação às questões.

*Quadro – Principais unidades de análise  
extraídas das entrevistas (Q – Questões)*

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Q1	A Educação Infantil é mais flexível que o Ensino Fundamental, existe maior possibilidade de planejamento, de diálogo. A relação com as crianças é afetiva, de troca e a aprendizagem é espontânea e natural.	A inspiração veio através da orientação de estagiários da prática de ensino de Educação Física na Educação Infantil . Estudos sobre criança, infância, junto com Débora Sayão. O que inspira são as discussões da pedagogia e da psicologia.	A inspiração vem no desejo das crianças, nas brincadeiras que elas gostam de fazer e a partir dessas brincadeiras cria-se com elas outras possibilidades de brincar. Nesse processo, também contribuo com brincadeiras que elas ainda não conhecem.	No retorno que as crianças dão. A aprendizagem na Educação Infantil vem de um ritmo diferente do Ensino Fundamental. A relação afetiva, do vínculo e da amizade que se cria com as crianças.
Q2	Materiais utilizados na Educação Física: arcos, bolas, pneus para fazer circuitos, também usa materiais existentes na unidade. Não costuma construir materiais. Explora os brinquedos do parque como eles são e pelo que propõe, pela alteração de significados que os brinquedos podem ter. Tem muita possibilidade de se alterar a própria maneira de se utilizar os brinquedos dentro do imaginário das crianças, ampliando as possibilidades de movimento.	Temas/propostas como: <u>as danças</u> (cirandas/canto, jogos dançantes, boi de mamão); <u>ginástica</u> (movimentos acrobáticos: experiência de saltos de colchões, experiências de equilíbrio em cordas, rolamentos; experiências com saltos, corridas, rastejar, lançar); <u>jogos</u> (jogos da cultura açoriana, jogos de outras culturas); lutas (capoeira). Algumas propostas como as cirandas, o boi de mamão, a ginástica são desenvolvidas com todos os grupos e seguem o ritmo possível de ser realizado com cada grupo.	Pesquisa junto com as crianças a partir de brincadeiras folclóricas que os pais brincavam quando eram crianças, com circuitos, com acrobacias, com brincadeiras de roda, acrescentando elementos das histórias e músicas infantis.	História do próprio movimento corporal pois ele abre um leque de aprendizagens para as crianças. A Educação Física não é só o movimento pelo movimento, mas tem a história do respeito, da regra, amor, da compreensão, expressão corporal, da expressão facial, da fala, do direito a ser crítico. Tem uma outra intencionalidade, de formá-las para o futuro. Garantir também que as crianças tenham uma coordenação motora, um equilíbrio e que desenvolva a lateralidade.

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Q3	<p>Foi a ida na escola básica ao lado, que tem uma árvore muito bonita, uma figueira e naquele momento eu estava indo para outro local que não era a árvore, mas algumas crianças pararam ali e acabaram subindo. A árvore é fácil de subir, então eu chamei as crianças. – Vamos para o outro lado para brincar de elevador? Perguntei às crianças: - O que vocês estão fazendo aí? E vi que estavam conversando. E um deles me respondeu que estavam viajando na nave espacial. Esse momento me marcou muito pela questão do imaginário dentro da Educação Infantil, da fantasia. Eu acabei não cortando a viagem deles, da fantasia, ao contrário, acabei entrando na deles e chamei as outras crianças e passamos a viajar todos naquela nave espacial que o grupo de crianças tinha imaginado.</p>	<p>Eu gostei de fazer capoeira com as crianças. Assim, fui aprender capoeira na UFSC e depois fui propor para as crianças na instituição fizemos um trabalho de conhecer a história da capoeira com um grupo de crianças maiores. Eu inventei, criei uma história para poder contar de onde vem a capoeira. Vimos livros com escravos para saber que condição era essa, de escravo. Eu não trabalhava com todos de cada grupo ao mesmo tempo, eu pegava pequenos grupos, até os menorzinhos, também brincavam de capoeira. Eu fazia os maiores jogarem com os menores, mandei confeccionar berimbau e a gente tocava instrumentos, pandeiros, ouvia música de capoeira em CD. A capoeira é uma lembrança maravilhosa, pois envolveu toda a instituição no sentido de que todos podiam participar dessa experiência</p>	<p>O que mais me marcou foram os projetos de sucata com a construção de brinquedos e o boi de mamão. Uma caixa de areia também que eu fiz em forma de baleia, toda com garrafa pet. Outra coisa foi a tiroleza que é uma corda com um lugar para as crianças segurarem e deslizarem. Outra coisa que marcou para mim, foi quando um menino ficou muito feliz ao conseguir fazer uma cambalhota. Ele pulava de alegria. Outra coisa muito interessante foi a construção da caverna da Cuca. Inclusive quando eu estava fazendo a caverna, um grupo de estagiárias da UFSC me questionaram se isso era EF. Construímos a caverna a partir de uma história contada às crianças de que a Cuca estava fazendo poções mágicas em seu caldeirão quando o caldeirão virou e a caverna incendiou. A Cuca passou a dormir na floresta e então ela perguntou se poderia fazer uma casinha na creche. Então as crianças combinaram de fazer uma casinha para ela. E com a construção da casa as crianças perderam o medo da Cuca.</p>	<p>Quando eu entrei na Unidade, o grupo dizia que EF era a hora do parque. Então iniciei uma grande discussão com o grupo para demonstrar que a EF ela é hora do parque, mas um parque com intencionalidade. Conquistei com o grupo uma proposta de EF para a Unidade, marcada inclusive no seu PPP. Marcou também as superações que eu tive com as crianças, relacionadas as práticas do medo, por exemplo, do mede de altura, de colocar uma escada alta provocando o desafio de subir em alturas e ver o sucesso das crianças ao final de 2 ou 3 aulas, respeitando o ritmo das crianças e seus limites.</p>

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Q4	Falta ampliar esse planejar em conjunto com a educação física, às vezes é falta de diálogo, nós teríamos que criar mais tempo. As auxiliares participam e tem professoras que acompanham também. De quatro turmas 2 participam. Em relação aos projetos de sala, teve momentos que já entrei, teve momentos que não, não é que não entro, depende muito da afinidade entre os profissionais.	Eu tenho as minhas propostas de trabalho, as professoras conhecem e estão sempre muito misturadas com o que faço, se envolvem e se interessam. Não é muito comum eu ser convidada para participar dos projetos de sala. De certa forma, isso me dá uma liberdade muito grande. Eu gosto de desenvolver os projetos que eu tenho. A participação delas nos meus encontros é um dado. Hoje é assim, mas teve momentos mais difíceis. Isso foi se construindo.	Não são todos os professores que tem essa consciência de participar e de estar envolvido comigo e com a turma na atividade. Tem professores que são maravilhosos e participam. Nós conseguimos interagir um com o outro e o resultado disso é o conhecimento que nós temos da prática do fazer pedagógico do professor regente, as professoras em relação a Educação Física, e nós em relação ao grupo que atuamos.	O vínculo afetivo é forte entre o grupo de trabalho. A organização dos projetos é coletiva e os professores participam da Ed. Física. Quando inicio, faço uma roda e os professores já sabem o que será realizado e o que farão para contribuir. Neste momento o professor sou eu. Não quero um adulto de corpo presente na Ed. Física, quero um adulto de corpo e alma, por que assim a aula flui. A professora de sala já trabalhou o projeto dela baseado naquilo que eu trabalhava. É importante que a Ed. Física tenha um projeto específico.

Este quadro constituiu uma amostra empírica da prática pedagógica de Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Ele também responde a questão norteadora desse capítulo: *quais as memórias da prática pedagógica da Educação Física*

*na Educação Infantil e sua articulação com o processo de formação continuada?*

Muitos dos problemas e conflitos aqui levantados pelos professores entrevistados são aprofundados nas reflexões dos próximos capítulos.

## REFERÊNCIAS

- BODGAN, R. C. e BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto editora, 1994.
- BONI, V; Quaresma, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 1994.
- FERNANDES, Renata S. Memórias de menina. In: **Cadernos Cedes**, Ano XXII, nº 56, Abril, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HAGUETTE, M. T. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 9ª ed., 2003.
- KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva.** Disponível em <[http://www.museudapessoa.com.br/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.com.br/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)> Acessado em 06 de novembro de 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas, Unicamp, 1990.
- SAYÃO, Débora T.; MOTA R., MIRANDA, O. (org). **Educação infantil em debate: idéias, invenções e achados.** Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999, 112p.